

## A NORMALIZAÇÃO DA EXTREMA DIREITA E A RADICALIZAÇÃO DA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA: ENTREVISTA COM CAS MUDDÉ

### CAS MUDDÉ

É cientista político neerlandês, reconhecido internacionalmente por suas pesquisas sobre a extrema direita, o populismo, o autoritarismo e os desafios contemporâneos à democracia liberal.

É professor titular de Relações Internacionais (*Stanley Wade Shelton UGAF Professor*) e *Distinguished Research Professor* na Universidade da Geórgia (Estados Unidos), além de professor associado ao Centro de Pesquisa sobre o Extremismo (C-REX), da Universidade de Oslo (Noruega).

Graduado e doutor em Ciência Política pela Universidade de Leiden, nos Países Baixos, desenvolveu atividades acadêmicas em instituições como a Universidade da Europa Central (Hungria), a Universidade de Edimburgo (Reino Unido) e a Universidade de Antuérpia (Bélgica). Suas pesquisas concentram-se nos partidos e movimentos de extrema direita, nas relações entre extremismo e democracia, no populismo e nas transformações políticas contemporâneas, especialmente na Europa e na América do Norte.

Entre suas principais obras destacam-se *Partidos da direita radical populista na Europa* (Cambridge University Press, 2007), vencedora do Prêmio Stein Rokkan de Pesquisa Comparativa em Ciências Sociais, em 2008; *Populismo: uma breve introdução* (Oxford University Press, 2017), escrita em colaboração com Cristóbal Rovira Kaltwasser; e *A extrema direita hoje* (Polity Press, 2019). Em 2026, publicou, em coautoria, *As organizações juvenis da direita radical populista* (Oxford University Press), dedicada às organizações juvenis dos partidos da direita radical populista.

Mudde integra, desde 2022, a Academia Real Neerlandesa de Artes e Ciências e recebeu, em 2026, o título de *doutor honoris causa* pela Universidade de Södertörn, na Suécia. Além de sua produção acadêmica, participa regularmente do debate público internacional, com artigos e intervenções em veículos de comunicação, entre eles *The Guardian*.

### *Entrevista Realizada por Lisandro Braga\**

**1-** Ao longo de sua obra, você definiu a direita radical populista como uma combinação de nativismo, autoritarismo e populismo. Quase duas décadas após a publicação de *Partidos da*

---

\* Doutor em Sociologia, professor de Sociologia Contemporânea e Sociologia Latino-americana no Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Paraná, Diretor do Núcleo de Estudos sobre Capitalismo e Contestação Social/NECCSO e editor da Revista Despierta – Sociedade, Cultura e Contestação Social.

***direita radical populista na Europa, há algum aspecto dessa definição que o senhor revisaria à luz das transformações recentes da extrema direita em escala global?***

**Cass Mude** — Em sentido estrito, não, porque a direita radical populista é aquilo que ela é. Entretanto, acredito que o populismo tenha se tornado menos central para a direita radical, particularmente na Europa, e que isso seja uma consequência direta de sua incorporação à política convencional e de sua normalização. À medida que as ideias e os partidos da direita radical passaram a integrar o cenário político dominante, esses partidos começaram a se aproximar da direita tradicional. Isso significa que passaram a atacar menos “a elite” em geral e mais a “elite de esquerda”. Desse modo, deslocaram-se de uma divisão populista entre povo e elite para uma divisão ideológica mais clássica entre direita e esquerda.

4 Também acredito que o termo “extrema direita” tenha se tornado mais útil do que “direita radical”, particularmente em comparações mais abrangentes. Isso ocorre porque, além do crescimento de atores relevantes da direita extremista — desde o Aurora Dourada, na Grécia, até a subcultura *groyper*, nos Estados Unidos —, um número cada vez maior de atores políticos importantes combina elementos do extremismo, isto é, da oposição à democracia, e do radicalismo, isto é, da oposição à democracia liberal, formando, assim, configurações “híbridas” entre extremismo e radicalismo, mais adequadamente compreendidas pelo termo “extrema direita”. Exemplos emblemáticos são Jair Bolsonaro e Donald Trump, que fingem apoiar a democracia (isto é, apresentam uma posição radical), mas também instigaram golpes de Estado (isto é, assumiram uma posição extremista).

Entretanto, há um debate crescente sobre até que ponto esses conceitos podem ser aplicados a outros contextos, especialmente sobre a adequação dessas definições a atores políticos latino-americanos, como Bolsonaro, Javier Milei e José Antonio Kast. Existem, grosso modo, três respostas a essa questão. A primeira consiste em argumentar que essas definições são eurocêntricas (ou ocidentocêntricas) e, portanto, não se aplicam à América Latina. Considero que essa interpretação é parcialmente verdadeira, mas representa uma

posição excessivamente radical. A segunda consiste em afirmar que esses atores pertencem à “direita radical”, mas de uma maneira distinta, sobretudo porque não seriam nativistas ou porque o nativismo não constituiria uma característica central de suas posições políticas. Acredito que isso conduz a um “alargamento conceitual” (conceptual stretching, nos termos de Sartori) e cria uma categoria excessivamente heterogênea de “direita radical” (ou “extrema direita”).

Adoto uma terceira perspectiva, na qual o nativismo permanece central para a direita radical (populista) e para a extrema direita, e na qual atores latino-americanos como Bolsonaro e Kast e, em menor medida, Milei são considerados casos limítrofes de pertencimento à direita radical. Isso significa que não considero o nativismo uma característica central de suas ideologias manifestas, como ocorre com Marine Le Pen, Trump ou mesmo Narendra Modi, na Índia. Entretanto, também não considero que minha definição esteja limitada à Europa ou ao Ocidente.

Na realidade, acredito que os partidos e políticos latino-americanos se assemelhem àqueles da Europa Central e Oriental anteriores à chamada “crise dos refugiados” de 2015–2016, no sentido de que provavelmente são nativistas em sua essência, mas as questões que ativam essa característica fundamental — especialmente a imigração — ainda não adquiriram relevância em seus países. Contudo, assim que a imigração se torna uma questão politicamente relevante, observamos que políticos como Bolsonaro e Kast passam a empregar diretamente um discurso nativista.

*2- Diversos estudos têm enfatizado fatores econômicos, culturais e identitários para explicar a ascensão da extrema direita. Em sua avaliação, qual é o papel das transformações do capitalismo contemporâneo — como a precarização do trabalho, a financeirização e a crescente insegurança social — na expansão dessas forças políticas?*

**Cass Mude** — Acredito que a posição predominante atualmente seja a de que a ascensão da extrema direita resulta de uma combinação de fatores econômicos e culturais. Há muito tempo

sustento que, na medida em que os fatores socioeconômicos desempenham algum papel, eles somente beneficiam a extrema direita quando podem ser traduzidos em termos culturais.

O estereótipo do “eleitor da extrema direita” não corresponde a alguém que deseja transformar fundamentalmente o sistema econômico, isto é, o capitalismo, mas a alguém que pretende reformar o sistema existente para restringir seus benefícios aos nativos. Esses eleitores se indignam muito mais com os “estrangeiros” (isto é, os “não nativos”) que estariam “tomando seus empregos” ou “vivendo de seus benefícios sociais” do que com o fato de pessoas nativas se tornarem bilionárias.

A maioria das pesquisas também demonstra que grande parte dos eleitores dos partidos de extrema direita não é pobre nem está desempregada, e muitos chegam a afirmar que desfrutam de condições econômicas razoavelmente boas. Entretanto, quando a extrema direita está na oposição, esses eleitores demonstram grande pessimismo em relação à situação e ao futuro da economia nacional.

Contudo, não é fácil determinar se esse pessimismo decorre das condições econômicas objetivas ou da percepção de que o país é governado por “socialistas” e está sendo tomado por “estrangeiros criminosos e preguiçosos”.

*3 - Alguns pesquisadores interpretam a ascensão da extrema direita como uma reação à globalização, enquanto outros a consideram uma expressão das contradições internas das democracias liberais. Como você avalia essa tensão?*

**Cass Mude** — Todas essas “metateorias” são muito difíceis de testar empiricamente, uma vez que esses processos são amplos, relativamente constantes e quase universais, enquanto o apoio aos partidos de extrema direita é dinâmico (por vezes, até mesmo errático) e apresenta particularidades nacionais. A democracia liberal sempre apresentou contradições internas e, ainda assim, durante quase cinco décadas não tivemos partidos de extrema direita expressivos na maior parte do mundo. Da mesma forma, a globalização vem ocorrendo, de uma forma ou

de outra, há décadas e, em alguns países, há séculos (como nos Países Baixos). Portanto, embora eu considere que esses processos desempenhem algum papel, acredito que, no mínimo, seus efeitos tenham sido desencadeados por outros fatores, que não se manifestavam da mesma maneira antes da década de 1990.

Além disso, estou firmemente convencido de que as tensões efetivamente inerentes à democracia liberal ou o grau de globalização são muito menos importantes do que as percepções que se têm desses fenômenos. Nesse caso, a questão passa a ser: de onde vêm essas percepções e por que elas são diferentes entre esses eleitores e os demais? As respostas à maioria dessas perguntas são muito mais políticas do que econômicas.

*4 - Em diversos países, temos observado uma crescente convergência entre governos da direita radical, forças policiais, setores militares e políticas de segurança pública mais punitivas. Como o senhor interpreta a relação entre a direita radical, o aparato estatal e a expansão das práticas repressivas?*

**Cass Mude** — É importante destacar que a expansão das práticas repressivas antecede a ascensão da extrema direita e continua sendo, em grande medida, obra dos partidos políticos tradicionais. Foram os partidos tradicionais, tanto de esquerda quanto de direita, que ampliaram significativamente os poderes repressivos e de vigilância após os atentados de 11 de setembro de 2001, assim como depois da chamada “crise dos refugiados”, em 2015–2016, na Europa. Na Grã-Bretanha, foi um governo trabalhista que implementou leis draconianas e medidas repressivas contra manifestantes ambientalistas e pró-Palestina.

Ainda assim, existem muitas evidências de que os partidos de extrema direita recebem um apoio desproporcional entre integrantes das forças policiais e militares, embora esse apoio seja maior nos escalões inferiores do que nos superiores. Dito isso, o ex-presidente do Departamento Federal de Proteção da Constituição da Alemanha, Hans-Georg Maaßen, fundou um partido de extrema direita, assim como o general Roberto Vannacci, na Itália. Por sua vez, o ex-diretor da Frontex, Fabrice Leggeri, é atualmente deputado do Parlamento Europeu pelo Reagrupamento

Nacional (Rassemblement National — RN), de Marine Le Pen, enquanto um ex-tenente-general, Eleftherios Synadinos, foi deputado do Parlamento Europeu pelo partido neonazista grego Aurora Dourada.

A extrema direita é profundamente autoritária, no sentido de que considera a manutenção da “ordem” a tarefa mais importante do Estado e valoriza a disciplina, a lei e a ordem. Entretanto, ela compartilha essas características com os conservadores. Por isso, a diferença no grau de repressão estatal não é necessariamente tão grande entre governos conservadores e governos de extrema direita.

O verdadeiro perigo surge quando o conservadorismo se radicaliza ou quando se constitui uma configuração híbrida entre conservadorismo e extrema direita, como ocorre, por exemplo, no Brasil, no Chile, na Hungria, em Israel e nos Estados Unidos. Como a maior parte dos integrantes do aparato estatal é conservadora e cautelosa diante de mudanças radicais (seja de lideranças, seja de políticas), tende a demonstrar desconfiança em relação a novos dirigentes ou a alterações profundas nas políticas adotadas.

Entretanto, quando as novas políticas radicais são implementadas, ao menos parcialmente, por antigos dirigentes, isto é, por representantes da direita tradicional, há menor vigilância e resistência. Isso pode ser observado, por exemplo, na quase completa ausência de resistência à captura, por Trump, das Forças Armadas e de outros órgãos de aplicação da lei e de vigilância, como o Departamento de Segurança Interna (DHS), o Departamento Federal de Investigação (FBI) e o Serviço de Imigração e Controle de Alfândegas (ICE).

*5 - A América Latina apresenta trajetórias históricas significativamente diferentes das europeias. Em que medida os conceitos desenvolvidos a partir da experiência europeia são adequados para explicar fenômenos como o bolsonarismo, o mileísmo e outros movimentos contemporâneos de direita na América Latina?*

**Cass Mude** — Como mencionei anteriormente, acredito que, neste momento, esses fenômenos não sejam iguais, mas apresentem semelhanças importantes. Essa também parece ser a percepção dos próprios atores políticos envolvidos, que, aparentemente, se consideram parte de um movimento global mais amplo, com uma agenda claramente vinculada à extrema direita. Todos esses líderes e movimentos manifestaram admiração pelo presidente estadunidense Donald Trump e por seu movimento MAGA<sup>1</sup>, além de participarem ativamente da rede articulada pelo partido espanhol Vox, para mencionar apenas dois atores claramente pertencentes à extrema direita.

Também acredito que esses “movimentos” ainda estejam em desenvolvimento. Por exemplo, os neoliberais romperam, em grande medida, com Bolsonaro durante seu primeiro mandato, o que o tornou mais populista em sua segunda campanha presidencial. Kast, por sua vez, adotou um discurso mais explicitamente nativista em sua última campanha eleitoral.

O neoliberalismo ainda possui maior destaque na América Latina do que na Europa, mas a direita radical europeia também flertou com o neoliberalismo nas décadas de 1980 e 1990, antes de se tornar mais favorável ao chamado “chauvinismo do bem-estar social”, adaptando-se às preferências de seus apoiadores.

Entretanto, considero fundamental não interpretar os acontecimentos na América Latina exclusivamente a partir de uma perspectiva europeia ou “global”. Em muitos aspectos, Bolsonaro e Kast são muito mais semelhantes aos representantes da direita autoritária brasileira e chilena de algumas décadas atrás do que aos atuais partidos europeus de extrema direita. O fato de enfatizarem políticas diferentes daquelas defendidas por seus antecessores históricos reflete, em parte, as diferenças entre os debates políticos e os períodos históricos, e não propriamente uma diferença ideológica.

---

<sup>1</sup> Make America Grate Again (Torne a América Grande Novamente).

Portanto, para compreender esses fenômenos, certamente é útil recorrer às três décadas de pesquisas sobre a extrema direita europeia, mas é igualmente importante considerar as décadas de estudos sobre o autoritarismo de direita na América Latina.

*6 - Em diversos países, os partidos políticos tradicionais têm adotado, cada vez mais, posições anteriormente associadas sobretudo à extrema direita, particularmente em questões relacionadas à imigração, à segurança pública e à identidade nacional. O senhor considera que estamos testemunhando uma radicalização da direita tradicional ou uma normalização da extrema direita?*

**Cass Mude** — Estamos testemunhando ambos os processos, embora de maneiras complexas e limitadas. A incorporação da direita radical ao cenário político dominante é predominantemente uma consequência da radicalização das forças políticas tradicionais, e não da moderação da direita radical.

Dito isso, embora a extrema direita tenha estabelecido sua hegemonia na questão da imigração e venha ampliando sua influência em temas como as mudanças climáticas e a integração europeia, ela é praticamente irrelevante no debate atual sobre defesa e Rússia na Europa, assim como foi anteriormente em questões relacionadas à COVID-19 e à assistência à saúde.

Da mesma forma, enquanto alguns partidos da direita radical se tornaram completamente normalizados, como o Irmãos da Itália (Fratelli d'Italia — FdI), de Giorgia Meloni, outros permanecem marginalizados, como a Alternativa para a Alemanha (Alternative für Deutschland — AfD), ou oscilam entre a normalização e a marginalização, como o Partido da Liberdade da Áustria (Freiheitliche Partei Österreichs — FPÖ) e o Partido pela Liberdade (Partij voor de Vrijheid — PVV), dos Países Baixos.

Além disso, nos países em que surgiu um partido híbrido, combinando conservadorismo e extrema direita, frequentemente se constituiu um ambiente político polarizado, no qual as

peças ou apoiam intensamente esse partido ou o rejeitam de maneira igualmente intensa, como ocorre, por exemplo, na Hungria e nos Estados Unidos.

Portanto, é importante reconhecer a complexidade desses processos.

*7 - Em sua obra, o populismo é definido como uma “ideologia de núcleo ideológico pouco denso” (thin-centered ideology). Alguns críticos argumentam que essa definição tende a privilegiar as dimensões discursivas e ideológicas, dedicando menor atenção às relações sociais mais amplas e às estruturas de poder. Como você responde a essas críticas?*

**Cass Mude** — Permita-me dizer, antes de tudo, que acredito que o debate sobre o populismo se beneficia da existência de diferentes abordagens. E não me importa se as pessoas utilizam ou não minha definição. Na realidade, prefiro que não a utilizem a que a empreguem incorretamente, como muitos fazem.

Atualmente, existem muitas definições de populismo, mas a maioria delas é bastante semelhante, apesar do que afirmam muitos autores e observadores. A grande maioria dessas definições se organiza em torno de uma oposição fundamental entre povo e elite, independentemente de utilizarem os termos “ideologia”, “discurso” ou “estilo”. Acredito que uma das principais diferenças esteja na definição laclauiana, que é muito mais abrangente do que a minha e que, em minha opinião, define mais a política do que propriamente o populismo.

Quanto à crítica de que minha definição não coloca no centro da análise as “relações sociais mais amplas e as estruturas de poder”, acredito que isso decorra, em parte, de uma confusão entre definição e explicação, presente em algumas tradições acadêmicas. Considero que as relações sociais mais amplas e as estruturas de poder desempenham um papel importante na compreensão do populismo, mas não em sua definição.

Em algumas definições que incorporam esses aspectos, o trabalho teórico se torna tautológico, porque o fenômeno passa a ser explicado por ele mesmo. Por exemplo, se definimos o

populismo como uma resposta à globalização neoliberal, faz pouco sentido explicá-lo também como algo causado pela globalização neoliberal.

**8 -** *Considerando a próxima década, quais desenvolvimentos você considera mais importantes para compreender a evolução da direita radical? Existem fenômenos emergentes que, em sua avaliação, ainda não receberam atenção suficiente por parte dos pesquisadores?*

**Cass Mude** — Atualmente, considero difícil prever os acontecimentos, pois não antecipei a maioria dos desenvolvimentos anteriores e jamais esperei que a extrema direita se tornasse tão popular, tão incorporada à política dominante e tão normalizada. Entretanto, se preciso fazer uma previsão, diria que acredito que a extrema direita continuará avançando em sua incorporação à política dominante, em sua normalização e, sobretudo, em sua profissionalização.

12

Dito isso, não acredito que ela ampliará muito mais seu apoio eleitoral — que deverá se estabilizar em torno de 30% em toda a Europa —, podendo inclusive perder parte de sua influência em questões como a imigração e as mudanças climáticas. Isso porque os partidos tradicionais, em parte pressionados pelo ambiente em que atuam (isto é, pelos eleitores, pelos meios de comunicação e pelo grande empresariado), compreenderão que algum nível de imigração é inevitável e, na realidade, positivo, e que as mudanças climáticas acarretam custos demasiadamente elevados, tanto para a economia quanto para a vida humana.

Também espero que a direita radical se radicalize ainda mais, simplesmente porque as forças políticas tradicionais estão se radicalizando, e a direita radical precisa se diferenciar em questões como imigração, ordem e soberania nacional.

Isso não apenas conduzirá ao surgimento de um número ainda maior de atores híbridos, que combinam elementos da direita extremista e da direita radical, como também a uma fragmentação crescente entre diferentes alternativas da direita radical e extremista em muitos países. Esse processo é particularmente visível no ambiente mais amplo dos meios de

comunicação e das redes sociais da extrema direita, que está em constante transformação e fragmentação, dando origem a novas e diferentes alternativas. No âmbito dos partidos políticos, já é possível observar esse fenômeno em países como Chile, Dinamarca, Itália e Países Baixos, que possuem diferentes partidos relevantes de extrema direita.

Existem diversos aspectos que merecem maior atenção dos pesquisadores. As questões de gênero nunca ocuparam um lugar de destaque nos estudos sobre a extrema direita, embora essa situação tenha melhorado nas últimas décadas. Ainda assim, a maior parte das pesquisas concentra-se nas mulheres (em vez da feminilidade), enquanto se dedica muito pouca atenção aos homens e à masculinidade.

Isso é particularmente importante não apenas porque os homens sempre estiveram sobrerrepresentados nas bases de apoio dos partidos e grupos de extrema direita, mas também em razão da recente obsessão dos meios de comunicação com a suposta “crise da masculinidade” e da percepção equivocada de que os homens jovens apoiam a extrema direita.

Também deveríamos dedicar muito mais atenção à profissionalização da extrema direita, desde os partidos políticos até os meios de comunicação, as redes sociais e os influenciadores digitais. Uma das principais razões para a normalização dos partidos de extrema direita não é tanto a moderação de sua ideologia, mas a profissionalização de sua atuação política.

Esses partidos se tornaram semelhantes aos partidos tradicionais em termos de organização e composição de seus quadros, passando a ser dirigidos predominantemente por políticos profissionais com perfis sociodemográficos bastante semelhantes aos dos dirigentes dos partidos tradicionais.

Recentemente, publiquei, em colaboração com um grupo de colegas, um estudo comparativo sobre as organizações juvenis dos partidos da direita radical populista. Esse trabalho não foi apenas o primeiro estudo comparativo sobre essas organizações juvenis específicas, mas também um dos poucos estudos comparativos sobre organizações juvenis partidárias em geral.

Constatamos que essas organizações não apenas recrutam e socializam os futuros dirigentes, mas já desempenham um papel importante no funcionamento e no desenvolvimento dos partidos da direita radical populista na atualidade.

*9 - Diversos pesquisadores têm argumentado que a literatura sobre a extrema direita dedica considerável atenção à ideologia, ao discurso político e aos conflitos culturais, enquanto confere relativamente menos importância às relações de classe, às transformações do capitalismo e aos interesses econômicos que podem sustentar esses movimentos. Você considera essa crítica pertinente? Em que medida essas dimensões estruturais deveriam ocupar um lugar mais central nas pesquisas futuras sobre a direita radical?*

Não tenho tanta certeza de que essa crítica seja válida. Acredito que o que esses críticos querem dizer, principalmente, é que existem poucas análises marxistas sobre o êxito da extrema direita. Desde o início da década de 1980, a “globalização” neoliberal tem sido uma das explicações mais recorrentes na literatura, assim como a integração europeia e a União Europeia, no contexto europeu. Na década de 1990, as transformações econômicas desempenharam um papel importante nos debates sobre a extrema direita na Europa Central e Oriental. Além disso, os debates acadêmicos e públicos há muito identificam a “ansiedade econômica” como uma das principais razões para o apoio à extrema direita. Outros estudos também se concentraram na “economia pós-fordista”, no “choque chinês” (China shock), entre outros fenômenos.

Da mesma forma, desde o início, a classe social esteve presente nessas análises, no sentido de que a base de apoio da extrema direita sempre foi estereotipada como predominantemente composta por homens (brancos) da classe trabalhadora. Isso já ocorria na década de 1980 e se intensificou após 2016, com a identificação dos chamados “deixados para trás” (left behinds) como apoiadores do Brexit e do chamado Rust Belt (“Cinturão da Ferrugem”) como suposta base de apoio de Trump.

Além disso, a classe social tem sido utilizada para desviar a atenção do racismo e justificar ou, pelo menos, demonstrar simpatia pelo eleitor estereotipado da extrema direita — apesar de isso

produzir uma imagem estereotipada do homem da classe trabalhadora como reacionário e pouco informado, enganado pelos “demagogos” da extrema direita.

Meu principal problema com essas análises é que elas frequentemente são muito vagas — “globalização” é um termo praticamente desprovido de significado quando não possui uma definição clara — ou simplesmente equivocadas do ponto de vista empírico. Os homens (brancos) da classe trabalhadora constituem, na melhor das hipóteses, uma minoria expressiva do eleitorado da maioria dos partidos de extrema direita, enquanto praticamente todos os estudos demonstram que os sentimentos contrários à imigração são mais importantes para esses eleitores do que a ansiedade econômica.

As transformações estruturais certamente desempenham um papel na explicação do crescente apoio à extrema direita, assim como de sua normalização, que é pelo menos igualmente importante. Entretanto, estou cada vez mais cético em relação a essas grandes teorias, que simplesmente estabelecem conexões entre dois processos macrossociais de maneira genérica, ignorando o fato de que muitas pessoas que experimentam ansiedade econômica não votam na extrema direita ou de que muitas pessoas que votam na extrema direita possuem boas condições econômicas — independentemente de se perceberem dessa maneira ou não.

Em essência, a maioria dessas teorias economicamente deterministas explica o protesto político em geral, e não especificamente o protesto da extrema direita. Elas não conseguem explicar, por exemplo, por que pessoas que se opõem à globalização neoliberal preferem votar em Trump em vez de Sanders.

Por fim, considero que a categoria “classe” merece maior reflexão em nossas análises, mas não nos termos estritos das categorias e teorias do século XX, que ainda são frequentemente utilizadas. A classe trabalhadora “clássica” — isto é, o operário industrial do sexo masculino — constitui uma parcela cada vez menor do conjunto da classe trabalhadora em um número crescente de países. A maioria dos empregos da “classe trabalhadora” encontra-se no setor de serviços, e não na produção, sendo muitos desses postos de trabalho ocupados por mulheres e

pessoas de origem imigrante. Além disso, a consciência de classe diminuiu significativamente, assim como a representação da classe trabalhadora (isto é, o poder e o papel dos sindicatos tradicionais).

Ao mesmo tempo, temos um “precariado” em expansão, composto por pessoas que trabalham em condições precárias (contratos de curta duração, pouca proteção ao emprego e condições de trabalho inadequadas), que possuem pouca ou nenhuma consciência de classe e apresentam situações e interesses econômicos bastante diversificados. Esse precariado é difícil de enquadrar nos esquemas marxistas clássicos, talvez funcionando como uma espécie de “lumpemproletariado” contemporâneo.

Ainda assim, talvez seja justamente essa diminuição da consciência de classe que torne mais atraentes outras formas de autoidentificação, como “o povo” e “a nação”. Entretanto, o desafio para os atores políticos de esquerda (inspirados no marxismo) é o seguinte: como podemos transformar novamente a “classe” em uma categoria útil e popular para a mobilização política nessas novas condições econômicas e sociais, de modo que ela possa competir com êxito com categorias da extrema direita, como “a nação” e “o povo”?